

**POR QUE O ENSINO DAS LITERATURAS AFRO-BRASILEIRA E AFRICANA,
NAS ESCOLAS BRASILEIRAS, DEVE TER PREDILEÇÃO POR AUTORAS E
AUTORES DA PELE DA COR PRETA: um encontro entre Conceição Evaristo e
Paulina Chiziane¹**

***WHY THE TEACHING OF AFRO-BRAZILIAN AND AFRICAN LITERATURES IN
BRAZILIAN SCHOOLS SHOULD PRIORITIZE BLACK AUTHORS: A Dialogue
Between Conceição Evaristo and Paulina Chiziane***

***POURQUOI L'ENSEIGNEMENT DES LITTÉRATURES AFRO-BRÉSILIENNE ET
AFRICAINES DANS LES ÉCOLES BRÉSILIENNES DEVRAIT ACCORDER LA
PRIORITÉ AUX AUTRICES ET AUX AUTEURS NOIRS : Une Rencontre entre
Conceição Evaristo et Paulina Chiziane***

João Edson Rufino

Pesquisador de Pós-Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal da Paraíba (PPGL/UFPB), na linha de pesquisa Literatura, Teoria e Crítica: Estudos Africanos e Afro-Brasileiros, sob a supervisão do Professor Doutor Sávio Roberto Fonseca de Freitas.

Moça **preta** do Curuzu

Beleza pura

[...]

Quando essa **preta** começa a tratar do cabelo

É de se olhar toda a trama da trança. (Caetano Veloso, 1979)

A minha **pele de ébano** é

A minha alma nua

Espalhando a luz do sol

Espelhando a luz da lua. (Jorge Portugal e Lazzo Matumbi, 1988)

A minha **pele é negro ébano** e, os meus dentes, puro marfim. (Paulina Chiziane, 2018)

Na escuridão igual/meu corpo noite/abre vulcânico/a **pele étnica**/que me reveste. (Conceição Evaristo, 2021)

RESUMO

O presente artigo objetiva discutir, no âmbito da contemporaneidade, a ideia de representatividade contida em duas obras literárias, escritas por mulheres da pele da cor preta, a saber: *Poemas da recordação e outros movimentos*, de Conceição Evaristo (afro-brasileira) e *O canto dos escravizados*, de Paulina Chiziane (moçambicana), raríssimas presenças no escopo da literatura ocidental e, por isso, dignas de nota. Para tanto, o artigo vale-se de operadores representacionais, a partir de Ribeiro (2017), Bento (2022) e Carine (2023), três pensadoras pretas, focando o ideário representacional no âmbito da cor da pele. Com efeito, o artigo ressalta que o ensino das literaturas afro-brasileira e africana, nas escolas do Brasil atual, não

¹ Este artigo é dedicado à professora e poeta Jovina da Conceição de Souza.

pode prescindir da ênfase na produção de escritoras e escritores da pele preta e das suas imagens, mostrando como esse enfoque, na atualidade nacional, pode promover uma espécie de “catarse” no imaginário de alunas, alunos e docentes pretos, empoderá-los, retirando-os dos estereótipos e das mutilações diversas que caracterizaram o ensino nacional e os espaços escolares – públicos e privados – durante séculos. Ao constatar que a cor da pele importa, este artigo intenciona conceder às mulheres e homens da pele da cor preta, ainda principais vítimas das mazelas causadas pelo racismo estrutural e institucional, o protagonismo pela sua luta e emancipação. Por fim, ao utilizar autoras e teóricas pretas, o artigo ainda pretende, a um só golpe discursivo, desconstruir dois estereótipos – os da mulher preta como intelectual e literata, que quase nunca esteve na cartografia da majoritária representação literária e epistemológica ocidental, ainda alicerçada em uma configuração machista e excludente.

Palavras-chave: literatura afro-brasileira; literatura afrodiaspórica; ensino; Conceição Evaristo; Paulina Chiziane; mulher preta; racismo.

ABSTRACT

This article aims to discuss, within the context of contemporary times, the idea of representativeness contained in two literary works written by Black women such as: *Poemas da recordação e outros movimentos*, by Conceição Evaristo (Afro-Brazilian), and *O canto dos escravizados*, by Paulina Chiziane (Mozambican). Extremely rare occurrences within the scope of Western literature, and therefore noteworthy. To this end, the article uses representational operators, based on Ribeiro (2017), Bento (2022), and Carine (2023), three Black thinkers, focusing on the representational ideology within the context of skin colour. Indeed, the article highlights the teaching of Afro-Brazilian and African literatures, in Brazilian schools today cannot dispense the emphasis on the production of Black writers and their images, showing how this focus, in the current national context, can promote a kind of “catharsis” in the imagination of Black students and teachers, empowering them and removing them from the stereotypes and various mutilations that have characterized national education and school spaces – both public and private – for centuries. By recognizing that skin colour matters, this article intends to grant Black women and men, still the main victims of the ills caused by structural and institutional racism, the leading role in their struggle and emancipation. Finally, by using Black female authors and theorists, the article also aims, in a single discursive stroke, to deconstruct two stereotypes – those of the Black woman as an intellectual and literary figure, which has almost never been included in the cartography of the majority Western literary and epistemological representation, still based on a sexist and exclusionary configuration.

Keywords: afro-brazilian literature. afro-diasporic literature. education; Conceição Evaristo. Paulina Chiziane. black woman. racism.

RÉSUMÉ

Ce texte aborde, dans une perspective de la contemporanéité, l’idée de représentativité présente dans deux œuvres littéraires écrites par deux femmes de

peau noire : “Poemas da recordação e outros movimentos”, de Conceição Evaristo (afro-brésilienne) et “O canto dos escravizados” de Paulina Chiziane (mozambicaine). C’est cette notion même de représentativité, inexistante dans la portée de la littérature occidentale, qui rend ces œuvres remarquables. Pour rendre possible cet abordage, ce texte se sert de l’opérateur conceptuel de trois penseuses, elles aussi de peau noire : Ribeiro (2017), Bento (2022) et Carine (2023), pour se concentrer sur l’idée de représentation de la peau noire. De cette façon, ce texte souligne que l’enseignement des littératures afro-brésilienne et africaine, dans les écoles du Brésil, ne peut pas se produire sans privilégier la production des écrivaines de peau noire et leurs images, en montrant comment cette appréciation peut promouvoir une catharsis dans l’imaginaire des lecteurs, surtout, dans celui des élèves noirs, ce qui fera éveiller chez eux une autonomie capable de supprimer les stéréotypes qui, pendant des siècles, caractérisent l’enseignement de la littérature. Considérant que la couleur de la peau a son importance, ce texte concède aux femmes et aux hommes de peau noire, encore les principales victimes du racisme, la prééminence de la lutte pour l’émancipation. Enfin, en utilisant des autrices et des théoriciennes de peau noire, ce texte met en évidence les femmes de l’intellectualité noire qui n’ont, presque jamais, été dans la cartographie de la représentation épistémologique occidentale, encore fondée sur le racisme et le machisme.

Mots-clés : littérature afro-brésilienne; littérature afro-diasporique; littérature africaine; enseignement; Conceição Evaristo; Paulina Chiziane; femme noir; racisme.

1 ORDENANDO O DISCURSO

São obras emblemáticas, escritas por duas escritoras pretas – Conceição Evaristo e Paulina Chiziane: *Poemas da recordação e outros movimentos* é o livro da mineira; *O canto dos Escravizados* é o da moçambicana. Em ambas as capas, imagem primeva das obras, as quais tentam fisgar os leitores e leitoras pelos olhos, os livros já dizem a que vieram: o de Conceição Evaristo, lançado em 2008, ostenta uma mulher preta, na praia, envolvida com todo o seu corpo, em seu labor diário – uma provável catadora de mariscos como tantas mulheres pretas ainda o fazem nas regiões da chamada “Suburbana”, em Salvador. Saindo da invisibilidade do subúrbio, no caso da capital baiana, essa mulher ressurge na capa de um livro, mostrando que ainda existe num âmbito institucional que, no passado, havia apostado na sua extinção. É um golpe de mestra! Mas não apenas nessa “entrada”, como será visto aqui ao longo das apresentações dos poemas.

O livro de Paulina Chiziane, lançado posteriormente, em 2017, por sua vez apresenta, na capa, um cenário composto, sobretudo, de máscaras africanas pretas. Sabemos que as máscaras africanas são repletas de significações; são carregadas de símbolos que revelam e escondem segredos antigos. Chiziane, sabedora dessa verdade, expõe em seus poemas o poder da decifração quando no poema “Descobrimo-nos”, por exemplo, ela afirma que “ninguém

descobriu ninguém, mas descobrimo-nos”! Na obra, a autora destaca a figura do “conquistador”, do “Herói”, do “Irmão”; fala do “Silêncio”, do “Poder”, dos “Nomes, Sílabas, Fonemas”, do “Triféu” para dizer que “É preciso lutar contra a opressão dos nomes, sílabas e fonemas/Matar os fantasmas dos sons redutores plasmados nas mentes/Afastar do peito a respiração convulsiva dos fonemas opressores/E deixar o ouvido saborear à vontade as sílabas da liberdade” (Chiziane, 2021, p.76). E ainda: “Sou sereia negra e renasci das ondas [...] Como uma boa negra danço em cada instante [...] Sou a atração fatal e ninguém resiste ao meu canto” (Chiziane, 2021, p.52).

É disso que ambas pretendem falar: a importância da libertação do corpo e da pele da cor preta, assunto ainda tabu² nas referências acadêmicas. Não foi sem razão que este artigo começou por uma consideração acerca da importância das capas (metáfora das “peles”); quer seja por quatro epígrafes (“capas” de um texto), quer pelas capas das obras a serem analisadas. É, pois, sobre este tema que o presente discurso pretende se ocupar pelas razões que serão apontadas ao longo deste texto.

No processo de confecção do livro “Letra Só/Sobre as Letras”, o poeta Eucanaã Ferraz fez uma lista de mais de 50 canções do cantor e compositor e Caetano Veloso e pediu que ele as comentasse. Quando perguntado sobre “Beleza Pura”, da qual foi retirada a primeira epígrafe deste artigo, o artista santoamarense respondeu: “Eu amo essa música [...]. A música é uma saudação do início dessa onda da tomada da Cidade de Salvador **pelos pretos** [...]. Nos anos 70, muito por influência dos movimentos negros norte-americanos e sul-africanos, **os pretos** tomaram conta dos movimentos da Bahia de outra maneira. “Beleza Pura” é uma saudação do início desse acontecimento” (grifos meus). As mulheres e os homens pretos, assim chamados desde sempre no Brasil, foram maioria no pós-abolição. O racismo estrutural brasileiro, inserido na cultura nacional como um projeto do Estado, tem exterminado esse grupo étnico. Este texto não deixa de ser um grito de alerta sobre esse genocídio.

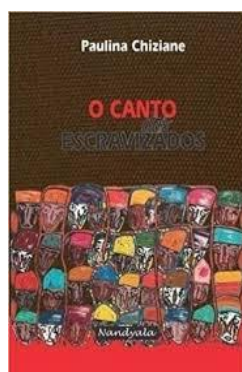
² O termo “tabu” será utilizado aqui no seu sentido ambivalente, tal qual apresentado no clássico texto “Totem e Tabu”, de Sigmund Freud para quem a palavra pode significar tanto “sagrado”, “consagrado” como também “proibido”, “perigoso”, “misterioso” (Cf: Totem e Tabu [1913]. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.13, p.11-125).

Figura 1 – Capa do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*



Fonte: Evaristo (2021)

Figura 2 – Capa do livro *O canto dos escravizados*



Fonte: Chiziane (2018).

2 CONTROVÉRSIAS NA LETRA DA LEI Nº 10.639/2003 – GENEALOGIA DAS CELEUMAS IDENTITÁRIAS ATUAIS.

A Lei Nº10.639, sancionada em 2003, traz, em seu bojo, uma controversa “lacuna” que, até então, nem sequer foi enfrentada. O dispositivo legal revela e, ao mesmo tempo, esconde o Brasil complexo e historicamente racista. Não foi sem luta que emergiu a referida Lei, a qual instituiu a obrigatoriedade do ensino da cultura e literatura afrodiaspórica no País. A questão é que, em meio aos embates das relações de poder, diversos movimentos sociais fizeram concessões que, ao fim e ao cabo, esconderam tensões e prejudicaram aqueles e aquelas que mais sofreram e ainda sofrem com as mazelas causadas pelo racismo brasileiro – o grupo de homens e mulheres da pele da cor preta, cada vez mais ausente nas estatísticas brasileiras e, portanto, apagado – quer por violência explícita (as balas do Estado); quer pelas violências simbólicas que destroem o emocional e a autoestima das crianças pretas desde a mais tenra idade. Ao concordar, equivocadamente, que pretos, negros e pardos³ pertencem à “mesma”

³ Em entrevista ao Poder360 (*Instagram*, 2025), o antropólogo e ensaísta Antônio Risério alerta para o fato de a nomenclatura ‘pardo’ ser inserida pelo IBGE para abarcar também a categoria **negro**, desconsiderando a

categoria étnica, diversos grupos protagonizaram uma ação história contraproducente! No texto curto da Lei, em apenas dois artigos, escreveu-se:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares, torna-se obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira. § 1º O conteúdo programático a que se refere o caput deste artigo incluirá o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil. § 2º Os conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras. Art. 79-B. O calendário escolar incluirá o dia 20 de novembro como “Dia Nacional da Consciência Negra”⁴. (Grifos meus)

O texto legal eclipsa a palavra “preto” e insere as palavras “negros”, “cultura negra”, “povo negro”, em um país cuja categoria étnica “negro” era estranha ao primeiro recenseamento, realizado no Brasil, no pós-abolição, curiosamente dois anos após a promulgação da Lei Áurea. Lendo os dados estatísticos contidos no recenseamento em epígrafe, são, curiosamente divulgados, de forma bilíngue (em português e em francês), “homens” e “mulheres”, seguidas das categorias étnicas: “pretos”, “mestiços”, “caboclos”, “pardos” e “brancos”⁵. Tudo isso sintomaticamente registrado em um período no qual o Brasil, segundo intelectuais da época, a elite dominante precisava se livrar da “mancha preta” (Schwarcz, 1993), deixada pela escravização de pessoas. Naquele censo, não foi registrado, em tempo algum, o termo “negro”. Faz-se necessário, portanto, refletir acerca dos mecanismos que fizeram emergir a categoria “negro” e como é justamente ela que é “eleita” para configurar no texto do dispositivo legal.

Embora a escravização de africanos e africanas tenha sido amplamente propalada nos livros históricos brasileiros, pouco se falou e se fala do racismo! Com efeito, na curricularização escolar brasileira, tornou-se comum, sobretudo nos chamados “livros didáticos”, fazer menção aos séculos de escravidão no Brasil, mas muito pouco foi descrito sobre o imaginário racista internalizado nas mentes do povo brasileiro e os modos de combatê-lo. No livro *O espetáculo da raça*, a pesquisadora Lília Schwarcz (1993), ao adentrar aquele ambiente “científico” finissecular, demonstra que a negritude incomodava aos poderosos da época e que a grande

mestiçagem de indígenas, o que, segundo ele, traz o absurdo de considerar como parda (na categoria negro) uma população majoritariamente descendente de indígena quando se trata de um Estado como o Pará.

⁴ BRASIL. *Lei nº 10.639, de 9 de Janeiro de 2003*. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 15 jul. 2025.

⁵ Cf. BRASIL. Ministério dos Negócios do Interior. Directoria Geral de Estatística. Recenseamento da população do Brasil em 1890. In: _____. *Recenseamento Geral da República dos Estados Unidos do Brasil*. Rio de Janeiro, 1890. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv16866.pdf>. Acesso em: 15. jul. 2025

preocupação dos senhores de escravos, que, inclusive, queriam ser indenizados pelo fim da escravização, era saber o que fazer com aquele contingente de mulheres e homens pretos, agora ex-escravizados e, em tese, livres... Livrar-se do povo negro constituía o maior intento da elite branca e racista da época. Para a autora, naquele momento histórico, o Brasil era “descrito como uma nação composta por raças miscigenadas, porém em transição. Essas raças, passando por um processo acelerado de cruzamento, e depuradas mediante uma seleção natural (ou quiçá milagrosa), levariam a supor que o Brasil seria, algum dia, branco” (Schwartz, 1993, p.19).

Assim, nos dados estatísticos em foco, uma parte da população de ex-escravizados era notadamente classificada como **pretos**. Retirar a categoria “pretos”, portanto, já historicamente inserida nos recenseamentos brasileiros, talvez tenha sido a causa de um dos principais problemas, na instituição, por exemplo, das chamadas cotas raciais e de todo o imbróglio que elas vêm suscitando desde sua implementação. Tal aparente controvérsia se dá no âmbito de uma cultura brasileira ambivalente, paradoxal e contraditória que diz não saber quem são os pretos numa sociedade mestiça, mas que não tem dúvidas ao discriminar e desqualificar esses mesmos pretos que ela diz desconhecer!

3 PARA ALÉM DA ESCRITA E DO DISCURSO – A COR DA PELE IMPORTA

Diz o dito popular que *para bom entendedor, meia palavra basta*. Não é preciso ser *expert* em cultura brasileira para constatar o quanto o nosso presente está encharcado de passado – diga-se, de um passado racista –, quer nas piadas e expressões que infestam conversas cotidianas; quer nas relações diárias que expressam resquícios dos séculos de escravização; quer na exploração da empregada doméstica que remete às relações da Casa Grande & Senzala; quer nas diversas “autuações” dos Ministérios Públicos quando constatarem espaços laborais onde ainda há pessoas (em geral, da pele da cor preta⁶), trabalhando em condições análogas à escravidão. Por conseguinte, a assertiva é verdadeira em diversos aspectos da vida da nação. Nesse sentido, no Brasil, o quesito “cor da pele” nunca foi uma expressão neutra. Pelo contrário: no encontro entre portugueses e os habitantes das *terras brasílicas*, registrado na Carta de Pero Vaz de Caminha, é a cor da pele dos povos originários o primeiro distintivo que chama a atenção

⁶ Têm sido rotineiramente veiculados, na grande mídia, os inúmeros e assombrosos casos de mulheres quase sempre da pele da cor preta, que são resgatadas após trabalharem por décadas, em “casas de famílias” – seja lá o que isso signifique. Chamou a atenção, semanas atrás, o caso da mulher de 86 anos que trabalhou 72 anos para uma família no Rio de Janeiro (Cf. FRIZON, Jaqueline; COUTO, Camille; ARAÚJO, Thayana. Mulher de 86 anos é resgatada aos 72 anos de trabalho em condições análogas à escravidão. *CNN Brasil*, 13 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulher-de-86-anos-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-em-condicoes-analogas-a-escravidao/>. Acesso em: 3.ago.2025).

dos colonizadores.

Dali avistamos homens que andavam pela praia, obra de sete ou oito, segundo disseram os navios pequenos, por chegarem primeiro. [...] E tanto que ele começou de ir para lá, acudiram pela praia homens, quando aos dois, quando aos três, de maneira que, ao chegar o batel à boca do rio, já ali havia dezoito ou vinte homens. **Eram pardos**, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. Nas mãos traziam arcos com suas setas. Vinham todos rijos sobre o batel; e Nicolau Coelho lhes fez sinal que pousassem os arcos. E eles os pousaram⁷. (Grifos meus)

Para além da ideia controversa de passividade relativa aos povos autóctones que o trecho (e toda a Carta) encerra, vale, de antemão, contestar a força discursiva dada ao “primeiro texto oficial brasileiro” que concede ao colonizador o poder de nomear os povos originários. Ao que se sabe, posteriormente, este distintivo excludente inicial demonstrará séculos de perversidade em uma nação que, nas Américas, foi a última a abolir a escravização de pessoas africanas. Portanto cor de pele, no País, sempre foi, no limite, um elemento característico da impressão de privilégios e hierarquização. Nessa perspectiva, a Literatura, sobretudo escrita por autoras e autores pretos, sem dúvida, emerge como um dos espaços de contestação onde essa nomeação primeva pode ser destituída e revertida! É este o trabalho que Evaristo e Chiziane fazem ao longo das obras aqui apresentadas.

No que concerne ao combate ao racismo, Ana Célia Silva, professora, hoje aposentada, da Universidade do Estado da Bahia foi uma das primeiras pesquisadoras a fazer um trabalho emblemático sobre o tema: na década de oitenta, no Departamento de Educação da Universidade Federal da Bahia, ela defendeu a Dissertação de Mestrado cujo título era *Estereótipos e preconceitos em relação ao negro no livro didático de Comunicação e Expressão de primeiro grau nível 1*, posteriormente lançada em livro com o título *A discriminação do negro no livro didático* (1995). Trabalho seminal, nem sempre referenciado, que abriu portas para discutir e refletir sobre um assunto tabu – as formas como os indivíduos pretos foram representados no imaginário escolar brasileiro e como tais representações contribuíram para internalizar discursos, imagens e preconceitos no âmbito do que, na contemporaneidade, passou a ser entendido como “racismo estrutural”.

Nessa perspectiva, na esteira da reflexão implementada pela professora Ana Célia, alguns (ainda tímidos) trabalhos, têm investido nessa difícil empreitada no âmbito de um País que insiste em disseminar o mito da democracia racial e da meritocracia. São exemplos de trabalhos de artigos e acadêmicos nessa perspectiva: *A influência da cor da pele nas*

⁷ CARTA de Pero Vaz de Caminha. *BNDigital*, p. 2. Disponível em: https://objdigital.bn.br/objdigital2/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bndigital0009/bndigital0009.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

representações sociais sobre beleza e feiura, de Eleonora Vaccarezza Santos (2015); “Cor da pele e oposição à imigração: o papel do preconceito e das representações sociais sobre o Brasil” (Costa Júnior, 2017), “Quem é a mais bonita? Análise da representação dos padrões de beleza construídos com base na cor da pele” (Oliveira da Silva; Santos; Rodrigues, 2022), entre outros.

Em sua dissertação, realizada no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Sergipe, Eleonora Vaccarezza dos Santos (2015) divide sua análise em capítulos diversos. Em um deles, o 4º bloco, ela foca no cerne da questão ao intitulá-lo “Presença preta na mídia televisiva brasileira”, pois considera que a pretitude está excluída dos espaços de poder e prestígio no âmbito da mídia nacional. Ao concluir a análise, destaca uma obviedade: “Há a invisibilização dos pretos, em geral, devido a sua restrita aparição na programação, a mulher preta é ainda mais invisibilizada, pois, de toda programação assistida, ela não chega a um terço dos que aparecem” (Santos, 2015, p.120). Os dados estatísticos contemporâneos confirmam que é sobre a mulher preta que recai a maior carga de racismo e preconceito, colocando-a, ainda num espaço de desrespeito, discriminação e exclusão.

No “Projeto Eu Sou Assim: Essa é a Cor da Minha Pele”, Almerinda Sobral (2023, p.21) conclui como é importante “apresentar representações positivas de personagens negros para crianças pardas e negras [...] para que elas reconheçam a sua identidade étnico-racial e adquiram, desde a mais tenra idade, autoestima, a fim de se apropriarem de empoderamento, pois assim, poderão entender que são protagonistas de suas histórias e capazes de realizar transformações nas realidades que as cercam”. Não há dúvida de como a literatura pautada na escrita de algumas poucas mulheres pretas que chegaram aos lugares de poder, a exemplo de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, pode contribuir para reverter o racismo ainda operante nas escolas brasileiras.

O País passa por revisionismos de diversas ordens, entendidos aqui como formas de contradiscursos que interpelam, interrogam, desconstroem e tentam reverter as bases discursivas que construíram o que se entende atualmente como sendo Brasil. Programas “humorísticos” do passado, amplamente divulgados nas redes de TV, por exemplo, que desqualificavam grupos e pessoas, já não passariam incólumes dentro da concepção contemporânea, para desgosto e decepção dos fascistas de plantão.

O mesmo vale para a educação e suas práticas pedagógicas, muitas delas mais que ultrapassadas. Mas não apenas isso. Durante anos, milhares de crianças pretas brasileiras foram afetadas, em seu imaginário, nas salas de aulas, por vetores pedagógicos fundamentais: as sistemáticas desqualificações disseminadas em diversos livros didáticos e, conseqüentemente,

o fato de não se verem positivamente nem se sentirem representadas – quer pelos seus professores e professoras, quer pelo material veiculado nos espaços escolares, que privilegiou marcas fenotípicas eurocêntricas. Daí a necessidade de reversão desses gestos – se é mesmo que se busca a inclusão étnica dos brasileiros nos diversos espaços brasileiros; se é que essa prática é uma realidade e não um mero discurso.

Luiza Bairos, mulher autodeclarada negra, porto-alegrense, radicada em Salvador, cidade mais negra fora de África, atuou no Ministério da Reparação Racial e, durante a sua gestão no Governo, não cansava de dizer que, todas as vezes que os movimentos negros se posicionam contra o racismo, emerge uma nova onda racista e desqualificadora contra as ações dos negros e negras. Em um país de base racista, esse gesto é a praxe. É preciso enfrentá-lo. Com efeito, durante cento e trinta e seis anos de “abolição sem cidadania”, todos os esforços empreendidos pelos grupos negros têm sofrido ferrenhos ataques desqualificadores, a fim de enfraquecer os envolvidos, desestimular os ativistas e anular a luta; foi e é assim com o sistema de cotas, com as políticas públicas que envolvem pessoas negras, buscando inclusão e tem sido, sem dúvida, com a Lei Nº 10.639/2003, que instituiu, há vinte e dois anos, a obrigatoriedade do ensino das literaturas afro-brasileira e africana em todos os estabelecimentos escolares – públicos e privados do Brasil. Lei, até o presente momento, quase sem nenhuma eficácia.

Por conta, por exemplo, do feriado de 20 de Novembro, Dia da Consciência Negra, instituído na lei em comento, num gesto de memorização da luta antirracista de Zumbi dos Palmares, há sempre, em contrapartida, o corrente – e cada vez mais disseminado – discurso de que “não é preciso” focar em Dia da Consciência Negra, mas em um “Dia da Consciência Humana”! Em um país de base racista, por mais incoerente que esse contradiscurso possa parecer, ele encontra o seu lastro na própria episteme ocidental que, ao erigir como canônica a literatura eurocêntrica, escrita por homens brancos, e obrigar, nas instituições de ensino, o seu conhecimento, já instituía e disseminava, embora não se admita, o maior discurso étnico e identitário de que se tem notícia. Internalizada nas mentes há séculos, desconstruir e reverter essa realidade não é tarefa de pouca monta. No entanto é preciso resistir e existir. Afinal, sabe-se que a consciência humana é, também, racista...

Em seus trabalhos, embora com títulos e perspectivas diversas, Djamilá Ribeiro, Cida Bento e Bárbara Carine, esta última, vencedora do Prêmio Jabuti, vão discutir uma mesma questão, cara para o povo preto brasileiro: a representatividade das pessoas pretas na cultura brasileira. Desse modo, seja em *O que é lugar de fala* (Ribeiro, 2017), *O Pacto da Branquitude* (Bento, 2022) e em *Como ser um educador antirracista* (Carine, 2023), o que está em pauta são

as reflexões sobre a representatividade das pessoas da pele da cor preta.

Ao argumentar sobre o operador conceitual “lugar de fala”, Djamila Ribeiro assinala a sua compreensão de discurso pautada nas concepções de pensadores pós-estruturalistas, que verticalizam suas discussões com base nas relações de poder e controle que têm fundamentado as relações sociais, notadamente Michel Foucault, para quem o discurso deve ser entendido como “um sistema que estrutura determinado imaginário social” (Ribeiro, 2017, p. 31).

Considerando que, no passado recente, a cor da pele foi usada para estigmatizar e desqualificar, ela deve ser reutilizada, agora, em outra perspectiva, para incluir cidadãos e cidadãos brasileiros que, por conta da cor da pele preta, foram deixados no limbo e apartados dos lugares de decisão e poder. Em *O Pacto da Branquitude*, Cida Bento (2022, p.19) escreve:

Por anos, me senti invisível na sala de aula, como se não fizesse parte daquele lugar. [...] Desde cedo, vi o tratamento diferenciado que pessoas em cargos de destaque davam a seus semelhantes. Na escola, quantas vezes percebia os professores enaltecerem o esforço de minhas colegas brancas – como eles – de forma afetuosa, enquanto eu ficava sempre às margens, por estar afastada do modelo que eles valorizavam. Minha presença só se fazia notar como exemplo negativo. Quando terminei a escola, pensei que finalmente me veria livre desse tipo de comportamento, mas, óbvio, isso não aconteceu.

Daí porque urge a necessidade de trazer representações outras, calcadas em aspectos positivos e afirmativos da pretitude. Se a Lei diz que se faz necessário focar o ensino na “luta dos negros no Brasil”, é esta a principal das lutas: recolocar, no imaginário brasileiro, sobretudo por meio do ensino, a potência, bravura, altivez e sofisticação do povo preto nas mais diferentes áreas. Na obra *Como ser um educador antirracista*, entendendo que uma educação das relações raciais no Brasil, pautada numa pedagogia antirracista passa, sem dúvida, pelas reflexões e entendimentos sobre a cor da pele, a também professora baiana Bárbara Carine (2023, p.20), ressalta: “a representatividade é importante”. E, de forma enfática, sentencia: “onde a gente não se vê, a gente não se pensa, não se projeta”. Por conseguinte, como ensinar literatura, ainda, em grande medida, construtora de imaginários, para uma população negra que não se vê nessa literatura? Eis a questão.

Em uma simples pergunta, Ribeiro traz à tona um indicador importante para se pensar lugar de fala aqui e, por conseguinte, a ideia de representatividade. Após fazer um rastreamento das teóricas e teóricos que a levaram às reflexões apresentadas, a autora interroga:

Uma simples pergunta que nos ajuda a refletir é: quantas autoras e autores negros o leitor e a leitora, que cursaram a faculdade, leram ou tiveram acesso durante o período da graduação? Quantas professoras ou professores negros tiveram? Quantos jornalistas negros, de ambos os sexos, existem nas principais redações do país ou até mesmo nas mídias ditas alternativas? Essas experiências comuns resultantes do lugar social que ocupam impedem que a população negra acesse a certos espaços. (Ribeiro, 2017, p.35).

É uma simples pergunta, sim, mas que evidencia a teia complexa na qual estão envolvidas as respostas para essa crise representacional: nas escolas, nas academias, nos lugares de prestígio e decisão, as mulheres pretas não aparecem. Nesse sentido, o estudo da literatura dessas mulheres busca ocupar essa lacuna, mitigando o forte perverso racismo ainda existente na estrutura sociocultural brasileira.

4 EMPRETECER O ENSINO E A ESCOLA: DOIS CASOS RAROS E, POR ISSO, EMBLEMÁTICOS...

Figura 3 – Foto de Conceição Evaristo



Fonte: Evaristo (2023).

Não havia sido concluído este artigo, quando o supervisor do meu estágio pós-doutoral, o professor doutor Sávio Freitas, convidou-me para participar do curso a ser ministrado, entre os dias 21 de julho e 24 de julho de 2025, pela professora e escritora Conceição Evaristo. Intitulado “Uma arrebentação das margens: prosa de autoria de mulheres afro-brasileiras e afrodiaspóricas”⁸, o curso híbrido foi promovido pela Fundação Casa de Rui Barbosa. Nas aulas online assistidas, ministradas nesse curso, Evaristo só corroborou as ideias presentes neste artigo, mostrando-me, de forma peremptória, que é mesmo esse o caminho da reflexão. Ampliou o conceito de “escrevivência”, discutiu “memória”, “oralidade”, “espelhamento” e “ancestralidade”. Amplificou, enfim, o repertório dos participantes acerca de temas caros como a seguir explanado:

A sua primeira aula, sintomaticamente intitulada “A Escrita Como Lugar de Existência e Pertencimento”, foi alicerçada numa imagem, já emblemática e, por isso, clássica. Feita em Recife, por volta de 1860, a imagem de Augusto Gomes leal retrata Mônica, uma mulher preta, ama de leite, com um garoto branco no seu colo. Para além das variadas interpretações que o quadro evoca, Evaristo inicia a sua fala apontando a potencialidade da mulher preta que

⁸ UMA ARREBENTAÇÃO das margens: prosa de autoria de mulheres afro-brasileiras e afrodiaspóricas. Curso ministrado por Conceição Evaristo, de 21 a 24 de julho de 2025, promovido pela Fundação Casa de Rui Barbosa (BRASIL. Ministério da Cultura, 2025).

alimentou o Brasil e, por conseguinte, se inscreveu, independentemente dos desejos e vontades, na sua nacionalidade. Há quem diga que uma imagem vale mais que mil palavras. Mas, ainda assim, Conceição Evaristo continua a falar da importância dessa mulher para a formação do imaginário nacional. Na capa do livro *Poemas da recordação e outros movimentos*, lançado em 2008, pela editora Malê, a autora intencionalmente já mostrava, como se viu, a que veio: propõe-se a dar visibilidade à mulher preta, ainda tão estigmatizada e preterida no imaginário racista nacional.

Consciente desse imaginário é que Conceição Evaristo, ao criar a ideia de **escrevivência**, traz para si e para todas as mulheres pretas, um lugar que lhes fora negado, pois se pauta nas vivências de mulheres que foram ultrajadas, desrespeitadas e preteridas em um Brasil que as teve como amas de leite durante séculos de opressão e perversidade e que, depois de usadas e abusadas, esse mesmo inconsciente coletivo tentou jogá-las no limbo. Foi esse o imaginário emoldurado nas mentes e internalizado nos discursos instituídos. Evaristo traz, em sua própria pele, a memória de mulheres trabalhadoras, empregadas domésticas; memória das que gritaram caladas e das que permaneceram em silêncio:

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.
A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo. (Evaristo, 2021, p.24).

Toda obra de Evaristo é uma expressão da escrevivência. Nesse sentido, ao adentrar as densas páginas do livro, “no reino das palavras”, como queria Carlos Drummond de Andrade (2012), passeia-se, como sinaliza o próprio título da obra, por “recordações” que nos levam ao recôndito sombrio de um Brasil que ainda superficializa a dor do Outro subalternizado. Os poemas de Evaristo denunciam as perversidades historicamente impregnadas na memória nacional. Assim em “Todas as manhãs”, são denunciados “os punhos sangrando e dormentes; tal é a lida”; “Meu corpo igual”, apresenta a “escuridão igual ao meu corpo noite/a pele étnica que me reveste”; em “Filhos na rua”, ressalta-se “a dor revisitada, esfolando-me a pele”; “Certidão de óbito” destaca “a terra coberta de valas e a qualquer descuido a morte é certa, [pois] a bala não erra o alvo no escuro/um corpo negro bambeia e dança”. Tal “certidão/veio lavrada desde os negreiros”.

No entanto, para ela, não é só de dor que se fundamenta a escrevivência. Ela se nutre

também de esperança e resistência. Em "Malungo, brother, irmão", surgem as mãos que sempre espalmam “nossas outras mãos, moldando fortalezas esperanças”; "A noite não adormece nos olhos das mulheres", destaca a “nossa milenar resistência”; "Fêmea-fênix", dedicado à atriz Léa Garcia, “renasce flor fecunda/ Vivifico-me eu-mulher. Fêmea. Fênix. Fecunda”; "Amigas" mostra “uma velha mulher, recolhendo seus restantes pedaços e se refaz inteira por entre a áspera intempérie dos dias”; "Para a menina" (de cabelos trançados), “o sangue se estanca, passeando tranquilo na veia de novos caminhos, esperança”; em "Dias de Kizomba", “um homem como Ab(dias) não morre. A sua luz cor negra feriu a branca consciência”; em "Negro-estrela", “quero te viver Negro-Estrela, compondo em mim constelações de tua presença”; já em "Vozes mulheres", o eu-enunciador recolhe tudo, lançando no rosto do leitor a dor e o desejo de modificar; de não mais suportar tantos desmandos e perversidades. E o faz lançando no mar da literatura afro-brasileira o que expõe no poema "Inquisição": “enquanto a inquisição interroga a minha existência e nega o negrume do meu corpo-letra/na semântica da minha escrita prossigo”. É com a consciência de sua escrita pautada na dor e na delícia da vivência preta que Evaristo sutura o seu nome no panteão das Letras nacionais. Esse gesto político fortalece o ensino da literatura afrodescendente nas escolas com um imenso público constituído de alunas e alunos pretos, dando-lhes consciência e autoestima acerca da potência da sua ancestralidade e das lutas e resistência que ela tem enfrentado.

Conforme sentenciou Luís Vaz de Camões, “mudam-se os tempos; mudam-se as vontades”. Com efeito, é cediço que as formas e modos pelos quais a literatura, no passado, penetrou nas mentes e almas dos povos, não são mais os mesmos que na contemporaneidade. Outrora, as publicações de livros e a sua recepção eram suficientes. Hoje, o leitor ávido com as demandas do seu tempo, exigem *likes*, fotos e vídeos e tudo que os aproxime dos seus autores e autoras, suas obras, vivências e experiências. Mais antenados, os leitores exigem, sobretudo, coerência entre o que se escreve e aquilo que se vive. Para os leitores e leitoras, vivência e experiência importam. Isso foi notado na efusiva aclamação que foi feita à escritora e doutora Conceição Evaristo quando ela adentrou o palco da Fundação Casa de Rui Barbosa para ministrar a primeira aula do curso “Uma arrebentação das margens: prosa de autoria de mulheres afro-brasileiras e afrodiaspóricas”, na noite do dia 21 de julho de 2025⁹.

Com efeito, os leitores da literatura escrita por autores negros sentem-se saciados

⁹ Não deixa de ser curioso que a escritora Conceição Evaristo tenha ministrado o referido curso numa Fundação cujo nome seja de uma personalidade histórica, Rui Barbosa, Ministro da Fazenda, na época (1890), que, durante o mandato, assinou despacho, ordenando que os documentos relativos à escravidão dos pretos no Brasil fossem destruídos, numa flagrante tentativa de apagar as memórias da escravidão.

quando podem construir uma estreita aproximação entre a produção literária e seus autores, suas imagens e sua representatividade, buscando tê-los, identificando-se com suas *performances*. Assim, uma jovem e um jovem negro que buscam representatividade, ainda que inconscientemente, intentam encontrar nesses autores e autoras as marcas identitárias que eles querem para si, para sua afirmação e, por fim, para construção de outro país, ainda fortemente racista, pautado na pluriétnicidade, ainda propagada teoricamente, mas não vivenciada em sua plenitude. Em um mundo hiperconectado, não são apenas as palavras de uma obra literária que exercem impacto no leitor. Ela apresenta maior ímpeto se acompanhada dos vários elementos que compõem a realidade hodierna, alicerçada, pelo menos em tese, na diversidade.

Figura 4 – Foto de Paulina Chiziane



Fonte: Chiziane (2021).

Na esteira do pensamento de Evaristo, Paulina Chiziane lança, em 2017, um livro potente que tematiza os diversos aspectos da colonização; com o forte título, *O Canto dos Escravizados* é um grito de guerra que ecoa no mundo. Dividido em sete subtemas, intitulados “Livros” (“Testamento”, “Canto de Dor e Desespero”, “Canto de Resistência”, “Transcendência”, “Canto de Liberdade”, “À Volta da Fogueira” e “Canto de Esperança”), não há assunto que não seja tratado na obra de Chiziane: das dores e tristezas do escravo “Testamento de um escravizado” (Chiziane, 2018, p.17) à plenitude da libertação, em “Na memória da África e do mundo” (Chiziane, 2018, p.165), os poemas escritos, bem mais que em livros de história, deixam um rastro indelével dos modos como os homens produziram a colonização e os meandros pelos quais se torna possível fugir das suas mazelas. Embora falando das agruras de um país de outro continente, o texto de Chiziane se irmana às tristezas sofridas pelo povo preto brasileiro porque, na diáspora, os processos de escravização nos aproximam, fazendo emergir angústia e dores semelhantes, mas que trazem, também, em comum, o desejo de “viver e vencer”:

A vida lhes levou por mil caminhos
Pelos carreiros cheios de espinhos
Levam consigo a vontade de viver e de vencer. (Chiziane, 2018, p.43).

O seu olhar ainda é mais penetrante quando focaliza e vocaliza as injúrias e perversidades que abalam os pretos nos cenários perversos das Américas onde se localiza o Brasil

São as vítimas preferidas da polícia
São a maioria da população das prisões
Habitam as favelas mais sombrias
Nas periferias de todas as Américas. (Chiziane, 2018, p.43).

Nessa mesma linha de pensamento, Evaristo evoca um dos males que tem devastado a população preta em nosso País, ao retratar as suas tristezas em um poema que traz em seu título as fatalidades vivenciadas por esses grupos. Em “Certidão de óbito”, ela escreve:

Os ossos de nossos antepassados
colhem as nossas perenes lágrimas
pelos mortos de hoje.

Os olhos de nossos antepassados,
negras estrelas tingidas de sangue,
elevam-se das profundezas do tempo
cuidando de nossa dolorida memória.

A terra está coberta de valas
e a qualquer descuido da vida
a morte é certa.

A bala não erra o alvo, no escuro
um corpo negro bambeia e dança.
A certidão de óbito, os antigos sabem,
veio lavrada desde os negreiros. (Evaristo, 2021, p.17).

Perfeita analista da perversidade da colonização, Chiziane eufemiza o canto dos escravizados para falar da sua busca pela liberdade: ela verticaliza as perversidades da colonização que teve o seu paroxismo nos séculos de escravização de pessoas pretas. Embora evidenciando a dor sofrida pelos negros na diáspora, Chiziane (2017, p.18) reconhece que nele está a saída: “Só tu conheces a dor e a solidão do teu percurso/Luta e vence que não há escravatura eterna”. Sabedora da crueza da servidão (“Como um morto, tu és tratado mesmo que respires”); afirmando o orgulho da negritude (“És a mais perfeita imagem do Criador: és negro e forte”); explicitando a força ancestral que emerge de África (“Aqui reside o útero da vida e o umbigo do mundo/Aqui é o berço da História”), ela nos diz qual é e para que serve **o canto dos escravizados**: ‘Para inspirar a vida de todos os meus descendentes/E ritmar os passos de África na marcha pela liberdade’ (2017, p.25). A obra de Chiziane é uma enciclopédia aberta: critica os invasores, desconstrói dogmas religiosos, fala da diversidade, da natureza e daquilo que chamaram progresso. Reavalia o conceito de abolição, redefine liberdade e vocaliza a África numa posição de destaque, opulência e potencialidade.

Não é diferente o que traz a obra de Conceição Evaristo. Sendo verdade que a imagem da

mulher preta, que, no passado, instruiu e formou o Brasil, foi rejeitada pelos vis sentimentos da população brasileira, tal qual João Romão, no romance *O Cortiço*, despreza Bertoleza, depois de tê-la explorado, também é verdade que, nos textos das teóricas e escritoras aqui expostas, a imagem da mulher preta, apresentada nas obras de Conceição Evaristo e Paulina Chiziane, sempre presente, no Brasil e no mundo, porém intencional e racistamente invisibilizada, retorna agora, intencionalmente, como numa espécie de “estranha familiar”¹⁰, com a força da sua imagem que se traduz em opulência, riqueza, beleza; imagem da mulher preta que é a geradora do Brasil naquilo que ele possui de mais nobre: altivez, potência, riqueza, poder e soberania. Eis o conteúdo que deve ser fomentado no ensino das escolas brasileiras.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **A rosa do povo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

BRASIL. **Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003**. Altera a lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-brasileira”, e dá outras providências. Disponível em:
http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 15.jul.2025.

BRASIL. Ministério dos Negócios do Interior. Directoria Geral de Estatística. Recenseamento da população do Brasil em 1890. In: _____. **Recenseamento Geral da República dos Estados Unidos do Brazil**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv16866.pdf>. Acesso em: 15 jul.2025.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Casa de Rui Barbosa. **Uma Arrebentação das margens: prosa de autoria de mulheres afro-brasileiras e afrodiáspóricas**. Curso ministrado por Conceição Evaristo, de 21 a 24 de julho de 2025. *On-line*. Disponível em:
https://www.youtube.com/watch?v=b_GmZvEyeKg. Acesso em: 25.jul.2025.

CARINE, Bárbara. **Como ser um educador antirracista**. São Paulo: Planeta do Brasil, 2023.

CARTA de Pero Vaz de Caminha. **BNDigital**, p. 2. Disponível em:
https://objdigital.bn.br/objdigital2/Acervo_Digital/livros_eletronicos/bndigital0009/bndigital0009.pdf. Acesso em: 14 jul. 2025.

CHIZIANE, Paulina. **O canto dos escravizados** [2017]. Belo Horizonte: Nadyala, 2018.

COSTA JÚNIOR, Clóvis Pereira da. **Cor da pele e oposição à imigração: o papel do preconceito e das representações sociais sobre o Brasil**. 2017. Tese (Doutorado em Psicologia

¹⁰ Cf. FREUD, Sigmund. O estranho [“Das Unheimlich”, 1919]. In: _____. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.XVII, p.273-314.

Social)-Universidade Federal da Paraíba, João pessoa, 2017.

EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos** [2008]. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

FREUD, Sigmund. **O estranho** [1919]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.XVII, p.327-314.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu [1913]. In: _____. **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1990. v.13, p.11-125.

FRIZON, Jaqueline; COUTO, Camille; ARAÚJO, Thayana. Mulher de 86 anos é resgatada aos 72 anos de trabalho em condições análogas à escravidão. **CNN Brasil**, 13 maio 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/nacional/mulher-de-86-anos-e-resgatada-apos-72-anos-de-trabalho-em-condicoes-analogas-a-escravidao/>. Acesso em: 3.ago.2025.

IBGE falsificou verdade demográfica, diz Risério. Poder360, **Instagram**, 2025. Disponível em: <https://www.instagram.com /.../>. Acesso em: 12 ago. 2025.

OLIVEIRA DA SILVA, Francis Cordelia; SANTOS, Camilo Rodrigo dos; RODRIGUES, Gisele Azevedo. Quem é a mais bonita? Análise da representação dos padrões de beleza construídos com base na cor da pele. **Revista Thema**, Pelotas-RS, v.21, n.2, p.363-373, 2022.

PORTUGAL, Jorge; MATUMBI, Lazzo. Alegria da Cidade. In: LAZZO MATUMBI. **Arte de viver**. Eldorado, 1995. 1 CD. Faixa 7.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

SANTOS, Eleonora Vaccarezza. **A influência da cor da pele nas representações sociais sobre beleza e feiura** (Dissertação de Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2015.

SCHWARCZ, Lilia. **O espetáculo das raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SILVA, Ana Célia da. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: EDUFBA, 1995.

SOBRAL, Almerinda. Projeto Eu Sou Assim: essa é a cor da minha pele. In: SOUSA JÚNIOR, Manuel Alves de; RANGEL, Tauã Lima Verdan (Org.). **Educação e abordagens étnico-raciais: interdisciplinaridades em diálogo**. Itapiranga: Schreiben, 2023 (E-book).

VELOSO, Caetano. Beleza pura. In: CAETANO VELOSO. **Cinema Transcendental**. Polygram/Philips, 1979. 1 LP. Faixa 3.

VELOSO, Caetano. **Letra só/Sobre as letras**. Eucanaã Ferraz (Org). São Paulo: Companhia das Letras, 2003.